

o bruxo em catimbau

Conto de
Alfredo Jacques

O cérebro: um dinamo.

Batiscafo, báratro, batibio; as palavras ajustaram-se a um esquema ideativo relâmpago, que não se refletiu na consciência.

Continuou pensando: a máquina devia comport-se de três aparelhos dessemelhantes. Do Auscultador Plurivalente. Do Revulsor, destinado a desviar da medula para o córtice a corrente motora dos atos reflexos. E de algo assim como um eletroencefalógrafo. Os três, conjugados, dariam conta do recado. Dariam?... E como fazer retroagir as linhas do eletroencefalograma às oscilações elétricas que lhes deram nascença, convertendo estas em imagens cinematográficas daquilo que se passa nos profundos estratos da massa cinzenta?

Fazia-se mister um quarto aparelho.

Acendeu o cigarro. O fiozinho de fumaça escapou-lhe do canto da boca, obrigando-o a fechar o olho.

Crânio rapado, olhos repuxados para as têmporas, bigode ralo, de guias murchas, Parsifal parecia um bonzo. Um bonzo "cabeça chata", coquetel de negro, índio e luso.

Aflorando do elocubrar, meditou. Representou-se o fluir do rio da vida, das nascentes à foz. Viu-o desde a aurora dos tempos até o homem e assinalou o evento decisivo no desenvolvimento biológico; a penetração do ser em si mesmo. Recapitulou-o: o animal, um odre, feito de uma única e uniforme camada de células, imagina-se e inicia a conquista do seu vazio interior. Aparecem-lhe os tecidos. Alonga-se e se mune de uma corda dorsal. Beneficia-se com um cérebro. Ei-lo apto a perceber o mundo que o rodeia e a construir seu Universo subjetivo.

Imaginação do ser, conquista do espaço interno, a vida começa a manifestar-se como um princípio de ação interior. Como um princípio de ação interior que no homem, culminará na Consciência.

Mas, então...

Expeliu uma baforada. Repondo o cigarro na boca, recolocou-o ao canto, com um movimento dos lábios. Fechou o olho.

Livre do dédalo das induções e deduções, não se extravai em cálculos, ou se absorve em análises, mas adivinha, intui. Elege mais do que pensa. Imagina mais do que raciocina.

Então, o cérebro seria uma espécie de caixa de ressonância de tudo o que sucede na intimidade do organismo e o seu arquivo. Arquivo da história da conquista do vazio interior do ser, através da espécie e do indivíduo.

Reengolfa-se no elocubrar.

Como lhe zune e trepada o motor cerebral!

Que dinamismo! Que efervescência! As células nervosas, sacudidas por impulsos energéticos, fecham-se em circuitos de reexcitamento, suscitam o aparecimento de zonas de indução e zás! o influxo vital é aprecepção do inapercebível pelos sentidos, inteligência, visão interior.

O ato de idear é coisa de somenos comparado à funcionabilidade cerebral. Ei-lo: Parsifal confronta a célula nervosa com um cérebro eletrônico. Funde ambas as imagens. Ao equipamento anátomo-fisiológico da microscópica usina electrocinética que é o neurônio, assimila os cornimboques (díodos, tríodos e ferralha) da engrenagem cibernética. Uma extrovença resulta da hibridação. Não se interrompe o processo criador. A geringonça, que é plasmável, sofre sucessivos amoldamentos. E de repente, dá-se o lampejo do gênio, o flash da imaginação criadora; o bonzo ideara o quarto aparelho, o Indutor-Paleo-Psicográfico.

Cuspiu o cigarro. Abriu o olho. Tinha inventado o Batiscafo Anfímico.

PARSIFAL ELOCUBRA, EXPERIMENTA

— Põe-te em pélo.

— Nu?

— Como a conspícua senhora tua mãe te botou no mundo.

Ritzel desapareceu. O "chim" (apelido outorgado ao bonzo, em revide à alcunha de "o alemão" com que o amigo o crismara) engambelara-o para que se prestasse àquela experiência, silenciando-lhe os pormenores. Batera-lhe em casa, implorando sua ajuda. A negativa de que estava a escrever um poema e não poderia ajudá-lo, não o descoroçoou, pulou de satisfeito. "O quê!... Em plena veia poética?..." "Em ponto de bala para o que de ti preciso." Precisava dêle, Ritzel, para prospectar-lhe, sabia Deus o quê, o âmago, a alma, o inconsciente. O ponto nerval de sua personalidade, ali onde o psíquico e o somático se entrelaçam e se amalgamam, para pesquisar-lhe as bases fisiológicas da inspiração poética. Caiu na esparrela.

— Apressa-te.

Despiu a gravata, o casaco, as calças.

— A camisa e as cuecas também?

— Claro — rezingou o "chim". A pudicícia do "alemão" irritou-o.

— Se fosses planta serias uma mimosa.

Ritzel dobrou os rins. Tiraria primeiro os sapatos. Descalço, considerou, vexado, as próprias pernas; magras, ruivas, cabeludas. Na sua frente, intimidantes: o Revulsor e o Electroencefalógrafo. Entre os dois, o Auscultador Plurivalente. Apavorou-se com o sinistro aspecto da máquina, o de um sarcófago do Egito, erguido sobre um dos lados. Na tampa, trazia, esculpida, uma múmia, de braços pendentes, pernas afastadas.

Sentiu-se ridículo, em trajes menores. Lançou um olhar súplice ao "chim", para que lhe poupasse a vergonha de pôr-se nu. Parsifal ignorou-o, no instante botava a boca no mundo. Xingava a Psicanálise. A mistificadora, vociferava. A mistificadora mediante testes e interrogatórios, interpretações de sonhos e de manchas de tintas, sondava o subconsciente e se intitulava. Psicologia Profunda. Profunda, uma burundanga! Superficial, isso sim, superficialíssima. Com o auxílio de máscara, tubos respiratórios, pés de pato, na melhor das suposições, com o de um escafandro, mergulhava nas encostas de uma ilha em águas rasas e gabava-se de haver devassado as profundezas marinhas.

Ritzel embasbacou. Desconhecia aquela faceta do "chim", de protérvia, petulância e truculência. A ejaculatória era tamanha que o fizera esquecer a pressa demandada. Viu Parsifal revisar os bolsos, tirar um cigarro, metê-lo na boca e chegar ao cigarro o isqueiro aceso. Viu-o quêdo, pálpebras entrefechadas, mirada evocativa.

— Aconteceu o quê?...

O "chim" soprou a fumaça inalada. Lembrava, disse. Lembrava a vez em que Jacques Piccard descera no seu batiscafo, na fossa de Mindanao, a mais de dez mil metros sob o nível do mar. A notícia, dera-a o rádio. Batiscafo, soliloqueara, ouvindo-a. Batiscafo, báratro, batibio. Os vocábulos espoucaram-lhe no íntimo como ecos dos versos de Verlaine: Les sanglots longs de violons de l'automne blessent mon coeur d'une langueur monotone. Sim, era doido pela poesia de Verlaine. Gabava-se de conhecer-lhe de cor os melhores poemas. Na ocasião em que o rádio anunciara a façanha de Piccard, acabava de almoçar, fazia a digestão caminhando pela sala. Abarrotado de comida, arrotava. Os arrotos, subindo-lhe à cabeça, psicologicamente, compreendia-se, juntando-se às lembranças dos versos verlainianos, causaram a barbarolexia: batiscafo, báratro, batibio. E engendraram a idealização do Batiscafo. Anímico.

Encolerizaram-no o pismo e incredulidade do amigo.

— Diacho! — vociferou — Nunca me viste mais gordo?... Tenho pinta de nigromante?... Sou um duende, um habalorixá, um iniciado no Vudu, um espírito maligno, para me olhares desse jeito?

Que ele era o Bruxo de Catimbau, esteve a pique de responder Ritzel.

Mas não o fez. Tranquilizou-o, assegurando que se o encarava daquela maneira, fazia-o de embasbacado por sua narração.

Acalmou-se. Para Ritzel não pensar que se expressara em jargão ou na linguagem kantiana da Crítica da Razão Pura, explicou: Batiscafo, submarino adequado às grandes profundidades. Báratro, o abismo da alma humana. Batibio, o animal primitivo, o Id de Freud, habitante do inconsciente do homem. Resumindo, com o Batiscafo Anímico mergulharia nas profundezas da alma humana, desnichando o animal que aí se entocava. Mas, na alma das pessoas de inteligência e sensibilidade, pôsto que com a gente comum ele não perdia tempo nem trabalho.

— Quero mexer com o teu bicharoco, revolver os fundamentos fétidos da tua inspiração poética.

— Os fundamentos fétidos de minha inspiração poética?...

— Eeco; teus flatos e ventosidades, teus borboríngos e os ruídos de tuas aerofagias. As fermentações intestinais, os derrames de bÍlis, enfim tudo que procede das cloacas do teu organismo.

Abriu o "sarcófago" cujo interior constituía o molde negativo da múmia da tampa.

— Entra.

Ritzel, livrando-se do resto da roupa, entrou, acomodando-se na fôrma. Girou nos gonzos a porta do Auscultador e trevas rodearam o "alemão". O contato de pequenos discos metálicos na pele, acompanhado de picadas de alfinêtes, fizeram-no pensar que o "chim" valia-se da acupuntura para explorar-lhe o inconsciente.

Meia hora depois, abriu-se a máquina. Saindo, a vestir-se, com o corpo a arder, queixou-se:

— Desagradavelmente cocogantes eram as agulhas que me espetaram as carnes.

— Agulhas, nada! Eletródios.

Parsifal tinha numa das mãos um carretel semelhante ao de uma fita de máquina de escrever. Mostrou-o:

— Tenho, aqui, gravado, o teu *a priori* kantiano.

Sem dar-se ao incômodo de elucidar ao amigo o que queria dizer com essas palavras, pediu-lhe que retornasse na próxima semana, quando almoçariam juntos. Após o que, submetteria a gravação ao Induto-Paleo-Psicográfico e Ritzel veria o animal subepidérmico que se ocultava no "alemão" rapsodo.

PARSIFAL DISSERTA E DESCONCERTA

No Catimbau efetuara-se a experiência. Ao Catimbau o poeta voltou para almoçar com o Bruxo e assistir à exibição do seu *a priori* kantiano.

O Catimbau, taba da ciência, maloca do conhecimento, ocupava uma área de quarenta hectares no meio de um mato denso. Seu tuxava, o Bruxo, era uma celebridade mundial, um ás em Cibernética. Invenções suas, como o Fisiognomonógrafo e o Ataraximotor, êste empregado na cura

da abulia, aquêle no estudo das alterações do rosto motivadas pelas emoções, foram empalmadas pela Medicina a contragosto dêle.

Filho de chiru e de mãe cafuza, costumava alardear: "Sou um heterozigoto, por isso tudo me cai no goto." Modo de confessar ser uma curiosidade à espreita, um pesquisador incansável, um eterno indagador, um espírito complexo. Pecava por imodesto. Para os prazeres da mesa, um gargântua.

O almôço oferecido a Ritzel; o convite para uma indigestão ou para um ataque de hepatite. Moquecas, guisado de quiabos, lingüiça ao forno, tutu de feijão, costelas de porco fritas, pratos êstes regados a vinho tinto que embriagava ao primeiro gole. Ritzel apenas provou as iguarias. Seu anfitrião comeu e bebeu pantagruelicamente. Ao cafêzinho, fumou como um turco. O vinho desatou-lhe a língua, o tabaco, a fadúndia.

— Gosto de ti como poeta e como pessoa humana. Como poeta és um gênio, como pessoa humana, uma exceção.

Mas a Humanidade, prosseguiu, compunha-se, em sua imensa maioria, de excetuáveis, isto é, de homens-massa, produtos da Civilização. Eram excetuáveis porque nada criavam, não possuíam idéias próprias, não viviam a vida como possessão. Eram uns alienados. E, povo minhoca e suas elites de magnatas sabidos, de sábios sabichões e de pensadores de açúcar-cande, viviam todos no círculo vicioso do "olhem p'rá mim, sou o tal", "sou o centro do Universo". E todos cantavam e repetiam: "ai, de mim! se me tirarem o centro do Universo". E sentindo-se desquiciados, recommçavam: "Olhem p'rá mim etc." Para essa gente a vida volvera-se sensoria, manúbrio, música de realejo. Eram chorões.

— Para nós, excepcionais, não.

Alisou com os dedos os parênteses do bigode.

Não se esquecesse Ritzel: o homem excepcional não extraía do ar, nem de suas vivências, a força espiritual que o desanimalizava. Tirava-o do metabolismo, dos vapôres dos esgotos do corpo. Estro, invenção, imaginação criadora, eram miasmas, emanações de desconhecidos processos fisiológicos, sutilizadas, hiperpurificadas e transformadas em poesia, descobertas, obras literárias e em outras realizações. Mas, para a massa dos homens, sublinhou, para os excetuáveis, suas exalações malcheirosas continuavam exalações, embora os desodorantes que usavam se chamassem ideal, amor à verdade, espírito de justiça e quejandos.

Afogue-o um soluço de repleção. Careteou, avinhado. Com a língua pastosa, revelou ter exibido para si, só, o filme da interioridade de Ritzel. E o que a sua intuição de lunático da ciência previra, o Batiscafo Anímico confirmava. Entretanto, errara num ponto. Não era um batíbio o habitante do âmago da gente, mas uma súcia dêles. Datavam do Arqueozóico, valia dizer, dos começos da Vida. Como detritos acumulados, no perpassar das eras, no fundo dos oceanos, formavam o lodo da alma. O cérebro, coletando-o, fabricava com êle os sonhos, as esperanças, as ambições e outros produtos do espírito.

Levantando-se, bruscamente, tombou a cadeira. Cambaleando, sob o risco de estatelar-se, fêz a volta à mesa e aferrou-se ao pulso de Ritzel.

— Vem, "alemão" — convidou — Vem ver a dinamogenia eletrizante do teu cérebro funcionando, a exaltação maravilhosa da tua mente no ato de poetizares.

E o arrastou para o "campus".

PARSIFAL ACERTA

Na sala enorme e silenciosa, o Indutor-Paleo-Psicográfico desconcertava com o seu aspecto de cavalo de Tróia surrealista, de aço e cromo. No lugar da cabeça, tinha um espelho parabólico. Por pescoço, um tubo espiralado. O ventre era um cilindro. Faltavam as patas, mas o soco piramidal sôbre o qual pivoteava garantia uma estabilidade a tóda prova. O carretel com a gravação já se achava no aparelho, informou o "chim". Para tela de projeção servir-se-ia da parede, disse. Fecharam portas e janelas. Postados aos lados da máquina, Parsifal destravou-a, pondo-a a trabalhar. Um enorme quadrilátero apareceu na parede, dois terços do qual tingiram-se de um negror de ébano. O terço inferior mostrava o fundo lóbrego de um mar. Fraca luminescência errava pela profundura, deserta de vida, acolhoada pela vasa marinha.

Repentinamente, a massa d'água da côr do ébano tornou-se de tinta nanquim. E a luminescência, cobrando viço, iluminou a paisagem submarina. Ritzel esbugalhou os olhos; o fundo do mar encaroçara-se; milhares de cones, de vulcõesinhos de lama, povoaram o abismo. E, já, dêses cartuchos de lodo saía um exército de sêres imundos: gusanos, holo-túrias, vermes chatos, ou fusiformes, de aspecto repelente.

— Os batíbios!... As bêstas pelágicas, a vérmina dos nossos ancestrais! — taramelou Parsifal.

Ritzel contemplava, magnetizado, a agitação das larvas e lêsmas abissais. No fervilhar, destruindo os alvéolos de que tinham saído, nivelavam o chão marinho. Súbitamente, aquietaram-se e, semi-enterrados na lama, lembraram pupal de varejeiras borrifadas com um inseticida.

— Morreram!

— Não — engrolou o Bruxo — digerem o que ingeriram. Presta atenção. Eis que o expelem!

Borbulhas fosforescentes, brotando-lhes dos dorsos, subiam, céleres, para a região de tinta nanquim. Penetrando na atra opacidade, riscando-a com esteiras brilhantes, afastavam-se da profundidade oceânica. Sempre em ascensão, bôlhas e mais bôlhas atravessavam o elemento líquido, em direitura às camadas onde chega a luz do dia. E cresciam. E adquiriam estranhas formas, para, enfim, transmudados em animais pisciformes, espadanarem, alacrememente, à flor das águas. Depois, como peixes-voadores, abandonando o fabuloso favo de mel que é o mar, planavam, airosos, sôbre a crista das vagas.

O quadro da imensidade oceânica empolgou os dois homens. A juba lapis-lazúli frisava-se, cintilando em revérberes dourados. De cristal dir-se-ia a atmosfera. No infinito elevava-se rutilante safira. Para êsse sol de luz irrefrangível voava o cardume dos peixes-voadores. Voavam, voavam. Singravam os céus, metamorfoseando-se em entes mitológicos; grifos, górgonas, pégasos, licornes, a galoparem em doida cavalgada. E, cavalgando, bebiam em profundos haustos a luminosidade do alto. Sorviam-na, e bicos e fauces, e garras e cascos, translucidavam-se, apagando-se na transparência do ar. Em breve, diluíam-se na diafaneidade do espaço.

— Excelsior!... Excelsior! — bradou Parsifal, agora menos êbrio de vinho do que de auto-exaltação — Alcalis e ácidos, reações bioquímicas, são os suportes fisiológicos da imaginação criadora. Acertei, "alemão", acertei!